

OS SABERES DA PEDAGOGIA NO TELEJORNALISMO: PAULO FREIRE E A PRÁTICA JORNALÍSTICA

*THE KNOWLEDGE OF PEDAGOGY IN TELEJOURNALISM:
PAULO FREIRE AND JOURNALISTIC PRACTICE*

*LOS SABERES DE LA PEDAGOGÍA EN EL TELEPERIODISMO:
PAULO FREIRE Y LA PRÁCTICA PERIODÍSTICA*

Laerte José Cerqueira da Silva¹
Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior²

Resumo: em várias obras e, em especial no livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire apresenta saberes à prática educativa. Eles servem de orientações e recomendações aos profissionais da área. São eles: o rigor no método, a criticidade, a ética e a estética, a reflexão crítica sobre a prática, a apreensão da realidade, o reconhecimento de ser condicionado e o saber escutar. Como foco, uma ação ética, dialógica e emancipadora. Neste trabalho, fazemos a aproximação reflexiva do trabalho do profissional do (tele) jornalismo com esses sete saberes, construindo uma conexão que nos ajuda a entender o quão importante podem ser essas reflexões freirianas para o método de investigação jornalística, principalmente no que se refere ao protagonismo do profissional na construção da realidade. Percorremos este caminho para lembrar o inegociável compromisso social do jornalismo e para fortalecer a sua teoria, com foco na formação e conscientização do jornalista, enunciador pedagógico.

Palavras-chave: Telejornalismo. Função pedagógica. Paulo Freire.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. <http://orcid.org/0000-0002-5243-640X>. E-mail: professor.laertecerqueira@gmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. <http://orcid.org/0000-0001-6469-7829>. E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br



Abstract: in several works, and especially in the book *Pedagogy of Autonomy*, the educator Paulo Freire presents knowledge to educational practice. They serve as guidelines and recommendations for professionals in the field. They are: rigor in method, criticism, ethics and aesthetics, critical reflection on practice, apprehension of reality, recognition of being conditioned, knowing how to listen. As a focus, an ethical, dialogic and emancipatory action. In this work, we approach the work of telejournalism professional with these seven knowledge, building a connection that helps us understand how important these Freire's reflections can be for the investigative method of journalism, especially as regards the protagonism of the professional in construction of the reality made by the activity. Let us follow this path to remember the non-negotiable social commitment of the journalism and to strengthen its theory, with a focus on the formation and awareness of the journalist, pedagogical enunciator.

Keywords: Telejournalism. Pedagogical function. Paulo Freire.

Resumen: en varias obras y, en especial, en el libro *Pedagogía de la Autonomía*, el educador Paulo Freire presenta saber a la práctica educativa. Ellos sirven de orientaciones y recomendaciones a los profesionales del área. Son ellos: el rigor en el método, la criticidad, la ética y la estética, la reflexión crítica sobre la práctica, la apprehensión de la realidad, el reconocimiento de ser condicionado, saber escuchar. Como foco, una acción ética, dialógica y emancipadora. En este trabajo, hacemos la aproximación del trabajo del profesional del telediario con estos siete saberes, construyendo una conexión que nos ayuda a entender cuán importantes pueden ser esas reflexiones freirianas para el método de investigación periodística, principalmente en lo que se refiere al protagonismo del profesional en la construcción de la realidad hecha por la actividad. Recorreremos este camino para recordar el innegociable compromiso social del periodismo y fortalecer su teoría, con foco en la formación y concientización del periodista, enunciador pedagógico.

Palabras clave: Teleperiodismo. Función pedagógica. Paulo Freire.

Introdução

Quando falamos que o telejornalismo tem uma função pedagógica (VIZEU, 2009; 2014; 2016) e que se utiliza de processos/operações didáticas (VIZEU; CERQUEIRA, 2016a; 2016b) para produzir o conhecimento do cotidiano é preciso esclarecer, de imediato, que não estamos falando da produção de um telejornal, de uma reportagem, de um outro produto informativo de televisão que substitui a escola ou a família, na formação do cidadão e na obtenção do conhecimento.

Cientes de que o telejornalismo tem um lugar de referência na sociedade (VIZEU, 2008; 2009), dividindo com outras instituições sociais a atenção sobre a apreensão do conhecimento mundano, temos bem claro que não é único no processo de construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2005) para percepção do mundo, dos fatos e da vida, por homens e mulheres. Também é prudente ressaltar que não estamos falando daquela didática do professor, que possui todo um instrumental teórico e uma pedagogia própria para ensinar um conteúdo específico, dentro da área de atuação.

Essa didática é própria da Educação, da sala de aula e de outros espaços de ensino-aprendizagem, essenciais para escolarização. Desde já, as ressalvas se fazem necessárias para deixarmos claro que ao tratarmos da função pedagógica do telejornalismo não estamos dando a mesma dimensão que a da Educação.

Dentro desse contexto, consideramos importante afirmar que acreditamos que jornalismo, dentro ou fora das telas, é um campo de conhecimento, um conhecimento singular (PARK, 1966; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992), que amplia sua força no telejornalismo, essencial como fonte de informação do brasileiro, de acordo com os últimos dados da Pesquisa Brasileira de Mídia³. Falamos ainda do conhecimento do desvelamento (VIZEU, 2016), que descortina o saber de várias áreas e entrega fragmentos do que ocorre no mundo. Afinal, como bem lembra Karam (2009): há alguém que precisa saber o que se passa em diferentes esferas do saber e do poder, nas ruas e nos gabinetes, onde se decide a vida dos cidadãos e se permitir o acesso imediato por meio de interpretações e versões.

As notícias devem ter a preocupação de contribuir para o entendimento dos fatos que mexem de maneira direta ou indireta com a sociedade e o jornalista é o responsável por essa mediação. Vilches (1989) destaca que o telejornal cria uma relação pedagógica com a audiência, pois “ensina como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa e em que condições devem aprender as características do gênero” (VIZEU, 2009, p. 80). Ao nosso ver, mais do que isso, ao ensinar a se comportar, agir e até pensar, estrutura sua mensagem de uma forma que ela possa ser acessível, com sinais de abertura para interpretação e compreensão. E, também, para a internalização e a formação de representações sociais que irão circundar e retroalimentar hábitos, ações e maneiras de enxergar a vida.

³ De acordo com a última Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) de 2016, 63% dos brasileiros se informam pela televisão. Pouco mais de três quartos dos entrevistados assistem TV todos os dias da semana. O acesso é mais frequente entre segunda e sexta-feira, e o tempo médio de acesso supera as três horas diárias.

Essa função pedagógica do telejornalismo se concretiza, de acordo com nossos estudos, em três dimensões: a **dos saberes**, que são aplicados à prática jornalística por meio da atuação, comportamento e decisões de jornalistas; a **da linguagem**, quando se adota uma forma própria de produzir esse conhecimento, utilizando signos e o acervo de conhecimento compartilhável; e, por fim, dos **dispositivos didáticos**: operações na produção de uma reportagem, que buscam tornar o conteúdo mais compreensível para audiência. São recursos linguísticos, imagéticos, auditivos, oriundos de ações individuais ou coletivas, internalizadas nas rotinas produtivas e materializados no conteúdo que vai ao ar.

Essas dimensões se complementam com objetivo de fornecer saber. Um saber que passa pela presentificação dos fatos, processos de investigação/apuração e uso da linguagem para a elaboração da mensagem, protegida pelo rigor na busca referencial de verdade, pela preocupação com a ética jornalística e os códigos deontológicos (CORNU, 1994). Neste trabalho, destacamos primordialmente a força e importância dos **saberes** na ação do jornalista. Propomos uma relação entre o papel do jornalista, pré-ordenador do que será consumido pela audiência, responsável pela informação que gera orientação de homens e mulheres, “enunciador pedagógico” (VERÓN, 1980) e os saberes necessários à prática educativa, condensados por Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2017; STRECK, 2010) e distribuídos em várias de suas obras. Colocamos luz no que consideramos afinidades e muitas aproximações. Tarefa que pretendemos construir de maneira mais clara, agora.

O olhar freiriano

Apontando para necessidade de um comportamento, um olhar crítico e curioso diante da realidade, para a ética e o rigor na ação pedagógica, entendemos que os estudos e as pesquisas desenvolvidos por Paulo Freire (1994; 1997; 1984; 2017), ligados à arte de educar, trazem uma grande contribuição para a prática (tele) jornalística. Lições aplicadas ao fazer profissional que, com certeza, podem gerar um produto do jornalismo regado às atitudes honestas, protegidas por princípios éticos e estímulo à transformação.

Como lembraram Meditsch e Faraco (2003), embora não esteja explícita em sua obra, a relação entre as práticas educacionais e jornalísticas, no pensamento de Freire, fundamenta-se na ideia de que informar também é educar (MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 11). Temer e Santana (2014) também apontam que o pensamento de Freire “a respeito da leitura do mundo, precedente à leitura da palavra

e a imprescindibilidade do diálogo como umas das relações compreendidas no ato de conhecimento” (TEMER; SANTANA, 2014, p. 102) contribuem com a comunicação e o jornalismo.

Segundo Freire (2017), na educação, é preciso ir além do que os simples fatos para compreender a realidade. Meditsch e Faraco (2003) afirmam que a relação do pensamento de Paulo Freire com o jornalismo e a mídia pode causar estranhamento porque o campo jornalístico nunca foi preocupação central nas obras do pedagogo. Porém, ao analisar com mais profundidade, destacaram que podem ser aplicadas “tanto por sua universalidade como pela utilidade de suas concepções de diálogo, rigor, leitura do mundo, percepção crítica da realidade, entre tantas outras, também, nesta prática social” (MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 26).

Meditsch, Faraco (2003) e Lima (2011) ressaltam que Paulo Freire estabeleceu seu conceito geral e mais objetivo de comunicação no ano de 1971, afirmando que a comunicação é a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar e ela implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Para o pedagogo, comunicação é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Os autores registraram que, em especial nos últimos livros foi possível encontrar afirmações importantes sobre a comunicação de massa, as mídias eletrônicas, na constituição do conhecimento, mesmo em contextos diferentes e se referindo a problemas mais universais da comunicação humana.

Em *Sobre Educação* (FREIRE; GUIMARÃES, 1984), especialmente no volume II, o educador é questionado sobre por que não discute propriamente sobre os meios de comunicação em suas obras. Freire resalta que só se sentiu competente para fazê-lo de maneira geral. Para ele, a televisão, por exemplo, não é um mero instrumento técnico, pois seu uso é político. Freire (1984) afirma:

Eu os considero (os meios de comunicação de massa), por exemplo, dentro do horizonte geral da teoria do conhecimento que venho desenvolvendo nos meus trabalhos sobre educação. Não trato diretamente, no sentido de que eles não são objeto de um estudo técnico, cientificamente válido (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 40).

Freire fala dos meios quando discute o papel ativo e criador do educando, que deve ser apresentado a dialogar não só com as questões técnicas, mas com uma reflexão que permita um papel crítico e atuante do educando sobre a televisão e outros

meios de comunicação eletrônicos. Propõe ainda a necessidade de compreender o poder e a força da televisão e ver até que ponto seria possível a escola se utilizar dela.

Já imaginaste o que significaria isso, enquanto capacidade de compreensão do real, da leitura da sociedade, de como a sociedade funciona; o que significaria isso para uma criança, no momento em que ela começasse a perceber todo o interesse que se desenvolve, às vezes, escondidamente, por detrás de um minuto de televisão, para vender milhões de cruzeiros? (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 34).

Sobre a relação que tinha e a diferenciação que Paulo Freire fazia dos meios de comunicação, Meditsch e Faraco (2003) destacam trechos de entrevistas com familiares e próximos que revelam o olhar crítico sobre o conteúdo dos meios; sua crítica era direcionada à superficialidade, ao sensacionalismo e à unidirecionalidade, com o objetivo de apenas transferir dados para as pessoas, sem preocupação de manter o contato, o diálogo e a reflexão. Para ele, os meios de comunicação de massa eram instituições semelhantemente antidialógicas e comprometidas com o depósito de conteúdos em indivíduos-objetos, sem a criticidade necessária para a libertação dos sujeitos da opressão e da transformação do mundo (TEMER; SANTANA, 2014). Emissoras de rádio e televisão, por exemplo, deveriam estimular, segundo Freire, a curiosidade crítica no telespectador, no ouvinte, evitando os “programas domesticantes”. Deveriam ser instrumentos postos à disposição da clareza e não da obscuridade, do dúbio e, às vezes, do óbvio (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 36).

O educador dialogava com educadores, mas era como se diante dele estivessem jornalistas, afinal, também é tarefa do jornalista ir além da mera captação da dos fatos, buscar interdependência entre eles, o que há entre as parciais constitutivas da totalidade de cada um, vigiando a própria atividade pensante (VIZEU, 2014, p. 868).

Em Freire, estão as bases para o que chamamos de conhecimento do desvelamento e para ele há um tema caro, básico para o Jornalismo, que é a “tomada de consciência”. A tomada de consciência é o ponto de partida, “se verifica na posição espontânea que meu corpo consciente assume em face do mundo, da concretude dos objetos [...] a presentificação à minha consciência dos objetos que capto no mundo” (FREIRE, 1994, p. 224-225).

Os saberes

A palavra pedagogia deriva do grego: *pais* (criança) e *ago* (conduzir), ou seja, condução de crianças (STRECK, 2010). Mas, o seu significado se ampliou

e abrange todas as faixas etárias, em todos os contextos que se realizam processos de ensino e, conseqüente, aprendizagem, produção e distribuição de conhecimento, como no jornalismo.

Em sua obra, Paulo Freire (1984; 1997; 1994; 2017) falou em pedagogia do oprimido, da autonomia, da esperança. Uma indicação de que há várias pedagogias, determinadas pela intencionalidade, instrumental metodológico e resultados. “Essas pedagogias são assentadas em matizes ideológicas distintas, o que se posiciona em lugares diferentes ou mesmo antagônicos na dinâmica social”, destacou Streck (2010, p. 307), em leitura sobre “as Pedagogias” de Paulo Freire. Segundo o autor, a Pedagogia se situa no âmbito dessa tensão, em que a prática e a teoria estão em permanente diálogo; na ação de educadores profissionais ou não, responsáveis pelo fazer conhecer, fazer entender, com tom muitas vezes testemunhal.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2017) reúne um conjunto de 27 saberes necessários à prática educativa, orientações, sem regras e normas prontas, mas que trazem diretrizes essenciais na busca pela eficiência do ensinar. Os saberes descritos pelo educador são, em sua maioria, os mesmos que o jornalista precisa dominar para produzir um conhecimento embasado, contextualizado, crítico e transformador, alicerces do jornalismo como instituição social legitimada na sociedade. Entre eles estão os sete que destacamos para detalhar neste trabalho: **rigoriedade do método, a criticidade, a estética e ética, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento de ser condicionado, apreensão da realidade, saber escutar** (FREIRE, 2017; STRECK, 2010).

Freire ressalta que a “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a prática pode virar blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2017, p. 17). E esse paralelo que iremos fazer agora entre os saberes da Pedagogia de Freire e as virtudes/exigências do trabalho jornalístico, têm esse objetivo.

Um desses saberes é a **rigoriedade no método**. Ou seja, na teoria do jornalismo, o rigor do método. Freire (2017) diz para educadores que essa rigoriedade não tem que ver com o discurso bancário, meramente transferidor do perfil do objeto cognoscível ou conteúdo. “Ensinar” não se esgota em um tratamento superficialmente feito, deve se fortalecer em condições que implicam ou exigem a presença de criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 2017, p. 28).

No jornalismo um método rigoroso é central, força motriz, justificativa de existência. Ele garante a diferença entre o conhecimento que o jornalismo se propõe a oferecer à sociedade e qualquer outra informação que circula nela. Por trás do

método, ou dentro dele, há a confiança do olhar atento, que quer desvendar os fatos escondidos ou alertar para um ponto a ser criticado, repensado. O enfraquecimento do método enfraquece o jornalismo, seja no que diz respeito à forma de narrar, seja na confiança que a sociedade ao longo dos anos depositou na atividade.

A busca pela informação correta que instrui, orienta e gera o debate social, é o início do processo de construção de uma parte da realidade de maneira pedagógica no jornalismo. Não há correção sem apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento. Não há conhecimento confiável. Educadores ou jornalistas inquietos, persistentes, buscam entender a realidade de maneira plural, conexas, em contexto. Entre o rol de preocupações de um método de investigação criterioso, há a preocupação com a contextualização. Segundo ele, desprezar o contexto no qual o fato está inserido pode gerar dificuldades de compreensão do acontecimento.

Contextualizar poderia ser classificado como colocar o máximo possível de peças no quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, e não visto de forma isolada do mundo que o cerca. A contribuição de se expor o contexto que envolve um fato continua a ter importância nas suítes noticiosas, as quais, não é raro, não inserem o leitor/público/audiência às explicações necessárias ao entendimento da sequência dos acontecimentos (VIZEU; SANTANA, 2010, p. 42).

E acrescentam que no processo de produção da notícia as informações essenciais não podem ser suprimidas ou não devem. A questão do que é ou do que não é importante, no entanto, geraria outro debate. O fato é que as notícias devem trazer detalhes básicos para que possam ser compreendidas. As várias faces de um acontecimento devem ser apresentadas. Como o educador, o enunciador (o jornalista) é responsável não só pela forma, mas pela consistência do saber que vai gerar repercussão na sociedade.

Outro saber essencial à prática do ensino, segundo Freire (2017), é a **críticidade**. Ela é para o educador a curiosidade ingênua que se torna curiosidade epistemológica. A primeira que nasce do saber de pura experiência. A segunda, de procedimentos metodicamente rigorosos.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, desarmada, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se,

aproximando de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica (FREIRE, 2017, p. 33).

Para Freire, essa curiosidade como inquietação, que indaga, que luta para desvelar, esclarecer, verbalizada, é um fenômeno vital; é a promoção da ingenuidade para criticidade e é tarefa da prática do educador-progressista. O resultado do procedimento é uma curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. O jornalista, em especial, aqui, o telejornalista, também precisa dessa criticidade; que pode nascer do olhar de observador, de um ingênuo curioso, e germinar em meio ao senso comum. Mas, na produção do conhecimento orientador, transformador, precisa ir além. O jornalista, com rigor no método, e olhar crítico, busca retirar o véu, “descurtinar”, ação que está na natureza pedagógica da atividade. Na produção do conhecimento do desvelamento. Sobre a relação curiosidade-conhecimento, presentes no fazer jornalístico, Freire reflete:

Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornaram seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção o conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele (FREIRE, 2017, p. 54).

É na superação da ingenuidade diante da realidade e aproximação da criticidade que o conhecimento do jornalismo se concretiza. Recorremos ainda a dois conceitos adotados por Freire na Educação: problematização e diálogo. A elaboração de um pensamento rigoroso não pode prescindir de uma matriz problematizadora.

Não é possível falar em conhecimento do jornalismo sem uma problematização constante das práticas jornalísticas, na função do jornalismo de informar. Outro aspecto importante é também a centralidade do diálogo nos processos jornalísticos de construção do real. O fazer jornalístico é um “estar em diálogo”. É dentro desse contexto que o método, a investigação jornalística, que atravessa todo o processo de produção do jornalismo da coleta de dados até a audiência comunicativa, é central na construção da realidade social (VIZEU, 2016, p. 7).

Para o educador, Freire (2017) cobra o desenvolvimento de uma curiosidade. A mesma atitude que é cobrada do jornalista na apuração de um fato, na busca de uma informação, no questionamento de fontes oficiais, testemunhas, espe-

cialistas. Ao perder essa característica, muitas vezes ocultada pelas pressões organizacionais, ideológicas, políticas e até insatisfação pessoal, os profissionais do telejornalismo correm o risco de ser meros repetidores de fórmulas e técnicas. Estacionam no lugar comum e na zona de conforto do previsível. Sobre essa postura, Freire alerta:

Curiosidade com que podemos nos defender de irracionalismos decorrentes do ou produzidos por certo excesso de racionalidade nosso tempo altamente tecnologicado. E não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negociação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não diaboliza. De quem a olha ou mesmo à espreita de forma criticamente curiosa (FREIRE, 2017, p. 33-34).

A ética e a reflexão sobre a prática

A ética e a estética também figuram entres os saberes que Freire “recomenda” aos educadores na prática educativa, que deve ser um “testemunho rigoroso da decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar” (FREIRE, 2017, p. 34). Para ele, na promoção da ingenuidade à criticidade, não deve haver uma distância entre o rigor da formação ética e a presença da estética. Não adianta ser apenas belo, porque fora da ética, homens e mulheres são uma transgressão.

É como se Freire (2017) estivesse orientando jornalistas. Lembrando a esses profissionais que esses saberes unidos devem ser incorporados como forma de correção e beleza, retidão e atração, legitimidade e convencimento.

Muito se discute sobre questões pontuais sobre como agir eticamente no jornalismo. Há vários olhares e conflitos. Alguns são princípios básicos e práticos, como buscar a verdade; não se render às paixões próprias, deixando-as influenciar; dar espaço ao máximo de versões sobre o fato; contextualizar para diminuir equívocos de interpretação; ser referencial. Ao atuar como “formador”, visto que o resultado de seu trabalho preenche espaços vazios ou reformula entendimentos do mundo, o jornalista não pode transformar a experiência em puro treinamento técnico, amesquinhando-se diante do que há de fundamentalmente humano no “exercício educativo”. Foi o que disse Freire a educadores, como se

tivesse diante de jornalistas: “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é condição entre nós para ser” (FREIRE, 2017, p. 34).

Sobre posturas éticas, Freire toca em um ponto crucial para os formadores de opinião: a parcialidade diante dos fatos. O educador, em uma defesa da sua total parcialidade diante do que acredita, disse que em tempo algum foi um observador “acidentadamente” imparcial, mas isso, porém, não o afastou de uma posição rigorosamente ética. Para ele, quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não significa um erro. O erro, segundo Freire, é não ter um ponto de vista, mas torná-lo absoluto e desconhecer que, “mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele” (FREIRE, 2017, p. 34).

Já é conhecida do meio jornalístico a indisponibilidade, a falta de vontade, o medo ou a vergonha de jornalistas em refletirem sobre a sua prática, sobre o trabalho e o resultado dele na sociedade. Talvez porque já se conheça e se saiba o tamanho dos erros cometidos e se tenha medo de ficar diante da sua postura, por vezes, equivocada, ou talvez, antiética. Há os que preferem virar as costas para a análise “interior” porque correm o risco de ver a sua vaidade rasgada pela verdade dos erros, da maneira irresponsável que se trataram os fatos e os reconstruíram para sociedade. Há também aqueles que simplesmente não acham necessário refletir. Engolem o pote de arrogância e se sente o super-homem, em um mundo sem kryptonita .

Eles parecem perder uma oportunidade de se tornarem melhores. De tornarem seu trabalho realmente balizador em uma sociedade que consome cada vez mais informação. Como prática instrutora, formadora, o jornalismo autocrítico implica, como falou Freire à prática do ensinar, no pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Esse é mais um dos saberes defendidos pelo educador: **fazer uma reflexão crítica sobre a prática**. O objetivo é único: fazer melhor.

É pensando criticamente a prática de um ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve aproximá-lo ao máximo dela. Quanto melhor faça esta operação, tanto mais inteligente ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade (FREIRE, 2017, p. 40).

Na linha da reflexão da atuação e da própria existência, Paulo Freire, generosamente, nos fornece a conceituação de outro saber que serve não só aos

educadores, foco dele, mas também aos jornalistas, enunciador pedagógico: é o **reconhecimento de ser condicionado**. Freire (1994; 2017) lembra que a construção da presença no mundo não se faz no isolamento, isenta à influência das forças sociais ou fora de uma tensão provocada pela herança genética, social, cultural e histórica. “Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença” (FREIRE, 2017, p. 53).

Ter consciência do condicionamento é, para o educador, reconhecer a incompletude, o inacabado que deve estar sempre em construção. É reconhecer os obstáculos. De acordo com o autor, condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas que nos encontramos geram, quase sempre, barreiras que são difíceis de superar na tarefa histórica de mudar o mundo. Mas ele lembra: os “obstáculos não se eternizam” (FREIRE, 2017, p. 53). Ao falar em condicionantes, Freire nos faz resgatar uma noção de interdependência trazida por Norbert Elias (1969 *apud* CORCUFF, 2001). O sociólogo alemão afirma que, à medida que dependemos mais um dos outros do que os outros de nós, naturalmente, eles têm o poder sobre nós. Mas, a questão central é que se as relações são desiguais por natureza, da dependência recíproca, cada um é de alguma maneira, limitado por elas. Ou seja, condicionado. E mesmo tendo poder maior na relação de interdependência, não se pode fazer tudo aquilo que se quer, porque mesmo os poderosos estão presos na rede de interdependência própria da sociedade. “Há um tecido de interdependência no interior do qual o indivíduo encontra uma margem de escolha individual e que, ao mesmo tempo, impõe limites à sua liberdade de escolha” (ELIAS, 1969 *apud* CORCUFF, 2001, p. 42).

A consciência das limitações e dos condicionantes faz do jornalista alguém que lembra que o inacabado é uma construção permanente e que os limites ideológicos, políticos e mercadológicos não são impedimentos para realizar um trabalho ético e honesto. Limites, obstáculos e imposições organizacionais são naturais nas relações de interdependência do tecido social e nas instituições sociais, principalmente, entre aquelas que pautam comportamentos, atitudes, olhares e o debate público. A consciência do inacabado, de acordo com Freire (2017), faz-nos estar sempre em construção, em busca da superação e da tão sonhada e, necessariamente utópica, liberdade. O processo de construção traz aprendizagem e ela fortalece os novos atos que não serão sempre os mesmos, se diante de cada novo trabalho lembramos da incapacidade das condições, que se movem ao sabor do tempo, que existem e devem ser, se necessários, superadas. Mas, não há como não as ter.

Como homem capaz (RICOUER, 2006; BENETTI; FREITAS, 2015), o jornalista necessita ser capaz de identificar as divisas, as fronteiras entre o dito e o não dito, entre os interesses e as disputas. Ciente da sua condição e espaço-temporal ele deve se dedicar a princípios básicos que garantem pluralidade e diversidade diante de condicionantes. Não há garantias de que o resultado seja o esperado quando o modelo de mídia oligopolizada e privada é preponderante, mas é a garantia de resistir, dentro das limitações e condicionantes que mantêm a legitimidade das observações e narração do jornalista.

A apreensão da realidade

Outro saber que é fundamental à experiência, segundo Freire é a **apreensão da realidade**. Alguém duvida que ele também seja essencial à atividade enunciativa e formadora do telejornalismo? Segundo Freire (2017), o aprendiz funciona mais como transferidor do objeto ou do conteúdo do que como um sujeito crítico, epistemologicamente curioso, participante da construção do objeto ou é o próprio construtor. Entretanto, é por causa da habilidade de apreender a substantividade do objeto que é possível reconstruir um mal aprendido:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada (FREIRE, 2017, p. 68).

Sem a abertura de espírito para apreender, diz Freire, não é possível construir, reconstruir e constatar para mudar. O que não se pode fazer sem uma abertura para arriscar. Na busca pela apreensão da realidade, jornalistas comprometidos com a construção da realidade de maneira ética, precisa, contextual fazem mais que repassar burocraticamente, com a objetividade mecânica, a interpretação dos acontecimentos ou fatos. É a capacidade de apreender a realidade dos fatos em sua completude – ou em seu máximo possível – em meio às limitações determinantes da prática jornalística, que torna o trabalho diferenciado, que o destaca.

Diante do mecanicismo compulsório de alguns trabalhos jornalísticos, demarcados por espaço e tempo, limites editoriais e forças editoriais, a apreensão mais eficiente da realidade não só vai fornecer combustível mais completo para o debate público, como irá facilitar o aval do público. Isso gera reconhecimento e mais possibilidades de enfrentar os condicionantes, os obstáculos que vão limitar, mas não impedir eternamente que o jornalista sonhe com a transformação social.

Na lista dos saberes, também está **saber escutar**. Sobre o mito do especialista em generalidades, conhecedor “profissional” da realidade e super-homem informado, jornalistas se recusam a escutar. Sabem mais que todos, vivem a história, são testemunhas dos fatos, têm sempre pré-conceitos sobre, acervo referencial que legitimam falas. Com tantos “superpoderes” informacionais, jornalistas acreditam que não precisam desse saber. Freire, que fala para produtores de conhecimento, os educadores, lembra que somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele. Mesmo que em certas condições, precise falar a ele.

O escutar está no centro do processo de comunicação, muitas vezes interrompido por quem se acha exclusivamente necessário ao processo dialógico.

Importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com o comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação (FREIRE, 2017, p. 115).

A consciência da necessidade do silêncio e da escuta serve como parâmetro para os profissionais do jornalismo, em todo processo de produção da notícia: apuração, seleção e nomeação. Não é raro telejornalistas saírem da redação com ideias prontas, textos prontos, imagens projetadas em suas próprias cabeças, vindas de referências diferentes que são forçadamente tornadas iguais para se encaixar na pauta, para manter o padrão, para ficar bonito como se imaginou.

Jornalistas que não escutam, perguntam para si e respondem ao mesmo tempo. Em um ciclo de autoinformação. Demitem o desejo de escutar porque podem desmontar seus próprios castelos de areia, essenciais para representar a realidade burocrática que lhe foi atribuída como tarefa. Escutar fortalece o rigor do método, diminui a margem de erros grosseiros e permite enxergar a realidade nos contextos mais reais possíveis. Não apenas os que se desenharam em uma redação, em meio às tipificações (TUCHMAN, 1983) necessárias e estereótipos (LIPPMANN, 1966) que nascem ou são reforçados por profissionais do campo.

Freire ressalta que a verdadeira escuta não diminui, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de se opor, de se posicionar. Ao contrário, segundo ele, é escutando bem que as pessoas se preparam para melhor se colocar, ou melhor, situar-se do ponto de vista das ideias, fundamentais no processo de

produção de um conhecimento como o jornalístico, orientador de homens e mulheres. “Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária”, registrou Freire (2017, p. 117).

(Em) conclusão

Neste trabalho, procuramos mostrar o quanto a aproximação da pedagogia de Paulo Freire pode contribuir para o (tele)jornalismo. Em um tempo em que se fala em crise no jornalismo, entendemos que a questão a ser amplamente discutida e debatida é a própria identidade do jornalismo e a força prática na interpretação e na reconstrução dos fatos. Resgatarmos o que é o jornalismo, sua função social, que tipo de conhecimento produz e qual a sua participação nas sociedades democráticas. Consideramos que, ao tentarmos refletir sobre que conhecimento produz, sobre sua função pedagógica, percorrermos um caminho no sentido de legitimação do jornalismo como um campo social central na sociedade. Um campo que pode contribuir na Educação, na Cultura, na Política e na Economia. Pode também, com grande força, contribuir nos debates mais honestos e plurais da esfera pública. Pode contribuir, ainda, para o reforço das instituições, hoje, tão fragilizadas.

Ao aproximar os saberes da pedagogia de Paulo Freire e ao aplicarmos à prática jornalística, queremos dar um passo para elaboração de um método jornalístico com base na teoria freiriana. Óbvio que a transformação proposta pelo educador leva em conta a capacidade da sociedade também se mobilizar para a mudança, mas é o próprio Freire que entende que é preciso treinar formadores, guias, por isso os saberes da prática educativa focados na atuação de educadores.

Os jornalistas também precisam desse alerta, dessas orientações, que agora fazem parte do que chamamos de saberes da prática telejornalística, Freire nos ajuda a colocar luz no óbvio. Jornalistas, construtores da realidade e produtores de conhecimento, precisam se comprometer com o seu público, lutando, sob qualquer condição de produção e constrangimentos, pela manutenção da sua importância e da sua legitimidade, concedida pela sociedade.

É uma tentativa de contribuir com a reivindicação de um jornalismo ético, de qualidade e de uma informação que busca a verdade possível, com toda a sua polifonia. O jornalismo tem efeitos para o bem e para o mal. Interessam-nos suas possibilidades para o bem.

Referências

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENETTI, Márcia; FREITAS, Camila. A fenomenologia da memória e o “homem capaz” do jornalismo. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 28, p. 167-185, jul./dez. 2015.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201638>
- CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Bauru: Editora Edusc, 2001.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: as cartas a quem ousa me ensinar. São Paulo: Olho d’água, 1997. <https://doi.org/10.26512/lc.v12i22.3292>
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação 2**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do Jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
- KARAM, Francisco José Carlos. **A moral profissional e a ética jornalística**. UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://monitorando.files.wordpress.com/2009/09/moral-profissional-e-etica-jornalistica.pdf>. Acesso em: 01 de jul. 2017.
- LIMA, Vinícius de. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. Brasília: Editora da UNB e Fundação Perseu Abramo, 2011.
- LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1966.
- MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1992.
- MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bitencourt. O Pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 26, n. 1, 2003. <https://doi.org/10.1590/1809-58442016313>

MESQUITA, Giovana Borges. **Intervenho, logo existo**: a audiência potente e as novas relações no jornalismo. 2014, 198 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2014.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. *In*: STEINBERG, Charles (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1966.

RICOUER, Paul. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TEMER, Ana Carolina.; SANTANA, Mayara Jordana. Educação e Comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freiriano. **Comunicação & Mercado**, Dourados, v. 3, n. 8, p. 4-15, jul./dez. 2014.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gilli, 1983.

VERÓN, Eliseo. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980

VILCHES, Lorenzo. **Manipulación de la información televisiva**. Barcelona: Paidós, 1989.

VIZEU, Alfredo. **A audiência presumida no Jornalismo**: o lado oculto do Telejornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

VIZEU, Alfredo. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 860-877, set/dez. 2014. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.3.17810>

VIZEU, Alfredo. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Editora Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 77- 83, dez. 2009. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. 65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, set/dez. 2016a. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22638>

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: efeitos para o bem e para o mal. In: EMERIN, Cárilda. O poder da linguagem telejornalística. *In*: EMERIN, Cárilda; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio. **Telejornalismo e Poder**. Florianópolis: Editora Insular, 2016b.

VIZEU, Alfredo; SANTANA, Adriana. O lugar de Referência e o Rigor do Método no Jornalismo: algumas considerações. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 38-48, jan/jun. 2010.

Dados dos autores:

Laerte José Cerqueira da Silva <professor.laertecerqueira@gmail.com>

Doutor em Comunicação pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, com estágio doutoral na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Contemporaneidade da UFPE, Mestre em Letras pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba; especialista em Jornalismo Cultural pela FIP - Faculdades Integradas de Patos-PB; Graduado em Comunicação Social pela UFPB- habilitação Jornalismo.

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior <a.vizeu@yahoo.com.br>

Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFPE. Possui mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da PUC-RS, sob a orientação do prof. Drº Antônio Hohlfeldt, presidente da Intercom (2011). Atualmente é professor associado 4 da Universidade Federal de Pernambuco, ex-coordenador, chefe do Departamento de Comunicação e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da UFPE, sócio-fundador da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo.

Endereço dos autores: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Cidade Universitária, Av. Prof. Moraes Rego, s/n, 50.670-901, Recife (PE), Brasil